

2ª PARTE

Estudios

A arte de escrever

Batista de Lima

Será que há diferença entre a arte de escrever e escrever com arte? Escrever vem do Latim “*scribere*”, que deu origem ao substantivo “*escriba*”, que na antiguidade dava nome ao profissional que tinha por função copiar manuscritos. Aí surge outro substantivo importante na arte de escrever que é “*manuscrito*”, algo escrito a mão. Escrever bem, a mão, ou manuscrever, era uma arte. Ter uma letra bonita sempre foi tido como um dom divino. Hoje, os teclados estão sepultando essa arte, de tal modo, que um dos tormentos dos professores de línguas maternas é exatamente revisar textos de redações feitas a mão. As redações dos nossos vestibulares tornaram-se algaravias indecifráveis.

Escrever com arte é escrever literariamente. É fazer com que as palavras se sintam felizes. O escritor torna-se, assim, um motivador de textos, um decorador, um especialista em ambientação textual. Por isso é que existem palavras felizes e infelizes. As felizes são as motivadas, aquelas que mostram, no seu corpo, o corpo daquilo que retratam. Infelizes são aquelas que não possuem identidade alguma com aquilo que representam. Daí que, enquanto as palavras “*chuva*”, “*catarata*” e “*voluptuosidade*” são cantantes por serem felizes, “*umbigo*”, “*axila*” e “*Urraca*” são infelizes por não possuírem identidade com o que refletem. Da mesma forma são as letras. Existem letras felizes e infelizes.

O “*S*” é sinuoso, insinuante e ondulante nas palavras, como seu próprio formato. O “*F*” de força é a própria força desenhada. O “*R*” é movimentado e se movimenta arrastando tralhas pelo chão. O “*H*” é horroroso, o “*A*” é um suspiro, o “*U*” é duro, o “*Z*” é azedo, o “*I*” é magro, daí que toda Lili é magra, todo Bililiu é raquítico. O “*O*” é gordo, por isso que toda Loló é gorda, é uma lua cheia perto de nós. O “*A*” é a mais feliz das letras, porque é apenas um suspiro e não precisa ser mais do que isso. Por isso que Aurélio Buarque de Holanda (1982:17) dizia sempre que a mais bela palavra da língua portuguesa é “*Alvorada*”.

O bom escritor é aquele que seleciona seu material de criação. Ele já manipula a palavra amada. Por isso que todo ato de criação literária é um ato erótico. Como é erótica a relação entre autor e leitor do texto literário. Essa relação se dá quando o leitor entra em contato com a obra escrita. No texto, a vida está latente e quando o leitor se insere nessa latência, através da leitura, ele passa a recriar o texto. O leitor fertiliza o texto onde o potencial de vida estava a sua espera. É aí que outro texto se produz. A produção desse novo texto é um ato erótico. Se essa re-produção textual não ocorre, é porque o texto é estéril, ou seja, carente de literariedade. É culpa do autor, mas pode ocorrer essa esterilidade por conta da incompetência lectural do leitor.

É importante pois que haja uma sintonia, uma empatia autor/leitor. É importante que haja um casamento entre os dois que passam a habitar o mesmo te(x)to. Casar é conviver na mesma casa, no mesmo teto, no mesmo contexto, no mesmo texto. Desse acasalamento autor/leitor no mesmo te(x)to renasce, brota um novo texto, com a face já diferenciada da inicial matriz. Essa nova versão é produto da leitura e entram na sua confecção, duas experiências, dois DNA(S) diferentes, o do autor e o do leitor.

Quando Machado de Assis (1983:102) encerrou o seu brilhante *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ele usou como última expressão: “não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Pode-se pensar que aí encerrou-se essa grande obra, mas não, é exatamente o contrário. Aí começa a grande obra. Aí é onde o leitor vai fertilizar o texto e produzir, com a re-escritura, o filho que Brás Cubas não teve, o filho que Machado de Assis não teve. A partir daí, os dois são fertilizados pelo leitor e outros textos reproduzir-se-ão fazendo com que a esterilidade do autor e do personagem não exista. Machado de Assis abriu-se ao abrir no final do seu texto uma fenda onde cada leitor penetra e, juntamente com o bruxo de Cosme Velho, vai gerando possibilidades de leitura.

A palavra “texto” é outra cujo “x” do problema é diferenciar-se apenas por essa letra da palavra “teto”. “Texto” é pois um teto para o grande encontro entre o leitor e o autor. É um leito onde duas pessoas se encon-

tram numa relação chamada leitura. Acontece que, para a criação de um bom texto, muitos acham que a inspiração é fundamental. Outros consideram que a inspiração é uma “piração” que não está apenas em ins/piração, mas está também em cons/piração, trans/piração, as/piração e outras ações de “pirar”. Enfim, lutar com palavras é das mais belas lutas, principalmente quando essas palavras são felizes. Se não forem felizes de nascença, como essas aqui citadas, cabe aos escritores e aos falantes, de um modo geral, colocá-las em tetos de felicidade, digo, em textos. Afinal, como as pessoas, não há palavras perdidamente feias. O que há são usuários incapazes de torná-las felizes e belas.

Tenho verificado que os bons textos também respiram pela porosidade deixada pelo autor para que os completemos com nossa criatividade. O bom escritor deixa vazios no texto para serem completados pelo leitor. É por causa do preenchimento desses vazios que o leitor se torna um reescritor da obra lida. Ler é, pois, reescrever, reconstruir. Ler é completar e abrir fendas textuais. É partir de um porto definido para outro que construiremos ao longo do percurso.

Se me perguntarem porque as páginas escritas possuem bordas brancas, concluo que é para serem preenchidas pelos leitores. A melhor leitura é aquela que se faz de lápis na mão, escrevendo nas margens do texto, criando rodapés de rebeldia ou de concordância, mas geralmente de rebeldia. Afinal, nenhum texto é perfeito por não me agradar cem por cento, da mesma forma que nenhuma casa está decorada da forma exata do meu gosto. E eu mostro meu desagrado escrevendo a minha forma de ver o corpo do texto que é o corpo do mundo. Só consigo a liberdade de recriação quando navego à deriva no mar subjetivo dos signos da literariedade.

Toda palavra é uma claridade pousada sobre um enigma. Escrever é lutar com palavras. Fazer delas lanternas para as escuridões e ao mesmo tempo criar enigmas novos para os que nos sucederem, desvendarmos como treinamento para a criação de novos mistérios. Por isso que todo texto tem suas falas, seus discursos circunstantes. O texto escrito precisa ser como água de cacimba, vir carregado das substâncias da ter-

ra, carregado com a matéria orgânica das gerações que nos antecederam. Escrever é um ato de ressurreição, é uma transfiguração, uma epifania. É extrair o secreto sol que se esconde em cada coisa.

Para se criar uma boa história, começa-se com um olhar sobre o nada. Então dois pingos de ternura salpicam o vazio. Brotam daí luares, gemidos, suores e relâmpagos. Alguns meninos nus tentam vestir de nudez a tarde e uns carneiros sobem num ônibus que vai para o açogue. Tudo começa com um arrepio sem data e um torcicolo na angústia. Não necessita de flores no campo, nem de tenebrosa seca. Mas um punhal faz bem e uma escopeta faz mal.

Uma história se escreve com ritual. Por isso ser bom: rainhas e bispos, reis e cavalos, torres e pradarias. Ela pode ser escrita com um joelho quebrado ou um braço na tipoia, pois se elabora na placidez, mesmo se tratando de uma hecatombe. Mas uma história precisa de cicatriz. Não há história que não seja escrita sob o domínio das cicatrizes. Pode até ser uma história de amor e de muito prazer, sem cicatriz ela não perdura. Mas não é apenas cicatriz dos personagens, é também do narrador, é também do leitor. Aliás, o bom leitor é aquele que se trucidada como os personagens do que lê. Aquele que se transfigura como os pequenos e os grandes personagens.

O bom leitor precisa entrar em deriva, da mesma forma que o autor e, principalmente, da mesma forma que o personagem, naquele momento em que o domínio das ações foi perdido e o destino da deriva é construir o desfecho. Afinal, em uma boa história é necessário que se vista a roupa do defunto e se sinta nos ombros o peso dos fantasmas. Não há história sem fantasma. Não há história sem fantasia. O narrador precisa entoar uma canção de alvíssaras para embalar o ouvinte que pensa que é o real ouvinte. O grande e primeiro ouvinte do narrador é ele próprio. Narcísico e guloso, só o que dele sobra e só sobra é para o outro.

Uma boa história prefere um solo escuro. O narrador prefere a sombra. A sombra é profunda, a claridade é rasa. História tem raízes longas que se aprofundam em chãos sem fim. Por falar em fim, história

não tem fim. Infeliz de quem põe fim numa história. Ela é contínua e ao mesmo tempo circular. Quando se pensa estar no seu final, o seu princípio é que está sorrindo. *As mil e uma noites* são histórias de noites, por isso que não terminaram. Só o dia termina, a noite nunca. Temos medo do escuro porque temos medo da história, porque temos medo da morte. Vestir-se de preto é levar aos ombros o signo da história, andar de braços com a sombra. A sombra é o lado aristocrático da história. Os rituais precisam de sombras para se tornarem mais histórias. A grande arte dos tempos modernos, o cinema, é um tiro na escuridão. Apagam-se todas as luzes para que ele seja exuberante aos nossos olhos. As grandes histórias de amor se aninham em sombrias alcovas. A luz encandeia os olhos de Eros e incendeia os ódios de Tãtatos.

Uma história, pois, começa-se golpeando as luzes para que se instale a sombra. Uma boa história gosta do aconchego de uma vasta casa, nunca de um apartamento espremido. A casa é uma dama que lava e passa adiante todos os homens, seus momentos e seus tormentos. É onde formigam vidas e ela retém seu avental de longas datas e pinta de amarelo as tardes de verão, e de azul o céu por sobre a terra. A casa casa, descasa e se descasca, mas seu roteiro de vozes, os olhares subterrâneos é que importam. Uma casa retém sabores. Uma casa retém histórias que escorrem pelas frestas, que se grudam nos retratos e se penduram nas cumeeiras. Seus compartimentos mais escuros estão cheios de personagens pedindo vez para falar. Uma casa fala pelos cotovelos e aninha campos de batalha, porões e sótãos intermináveis.

A uma bela história não importa o fracasso, mas a moral que dele se esvai. Mais vale um fracasso taludo que uma vitória anêmica. O herói é aquele que exorbita e surpreende porque, independe de si, não se pertence. Por isso que uma boa história continua sendo escrita. O bom narrador não iniciou nem vai terminar, ele apenas segurou a alça e continuou com esse grande cortejo em torno desse esquife maior que é a condição humana. De resto, é tocar cítaras ao que for possível, pedir alvíssaras pelo que não vem, e continuar essa procissão que não se sabe onde começa e onde vai terminar.

Uma boa história prefere um entardecer, exatamente no despencar da hora, naquele momento em que o sol começa a perder suas forças e a tragédia vai se instalando no anoitecer, naquele momento em que o dia exangue se debate com suas últimas forças, touro ferido mortalmente que se enterra, debatendo-se na arena da treva. Mas uma boa história não tagarela, anda de braços com silêncios e vazios. Clama para se tornar repleta, para ser preenchida pelo que lhe acerca. Ela se escreve enquanto se realiza. Ela trabalha com a estridência do silêncio. É quando o silêncio fala mais alto que ela se torna mais forte.

Essa história, tão presente e tão bela, riquíssima dama, está em crise. Acometida de depressão, ela vê a informação corroendo seus domínios. Seu poder encantatório está empobrecido. A informação devassa as entranhas dos acontecimentos, no momento em que está acontecendo. Não se pode mais enfeitar uma história, enriquecer um fato com a nossa imaginação. A informação está a postos para revelar a realidade e não deixar margens para conjecturas. Não se podem mais acrescentar lances novos a uma história: as câmeras estão presentes, desmitificando tudo. Esse fenômeno está abrindo um novo filão para o romance: a busca dos personagens históricos, a elaboração de biografias, os documentários. Há um retorno a um passado real, mas desconhecido. Há também a introspecção, muito em moda, no momento.

Mesmo assim, eu prefiro me acercar de uma velha mesa em uma velha casa e ouvir as histórias dos que ali se refestelaram. As gerações estão ali debruçadas e entre terrinas e temperos repassam os dramas familiares. Uma velha mesa é um parlamento domiciliar e o sabor de cada oferenda vai evoluindo do olfato de velhos ancestrais ao meu eriçar sinestésico. Para continuar, saio pela porta dos fundos e vou ao monturo onde começo minhas escavações memoriais. Descubro a cada camada, cacos que necessitam ser emendados para que uma nova história brote do velho clã. Construo toda uma cristaleira que punge, porque construo o corpo de minha avó e as raízes dos mais antigos moradores.

Se história me faltar, ainda há o bodegueiro da ribeira, guardador de causos, repassador de memórias. Há o pescador solitário que não

tem suas histórias confirmadas por ninguém, daí serem todas mais que verdadeiras. Os caminhoneiros, as parteiras, os penitentes, os guardas-noturnos, os motoristas de táxi, as rezadeiras, todos estão inventando histórias. Os cegos têm histórias incríveis para contar, afinal é na escuridão onde elas mais se clareiam. O importante é que elas cresçam. Que passem de boca em boca, que aumentem. Que cada ouvinte acrescente mais um lance de sua experiência pessoal. Só assim podemos enfrentar a solidão destes tempos difíceis. Povoar essa solidão é preciso, nem que se tenha de vislumbrar bois pastando nuvens, um enxame de abelhas acompanhando um velório e Deus sentado num parque de diversões, rindo da minha pouca e empobrecida imaginação.

Daí para a poesia é um pulo. Mas para escrever poemas é preciso ler poemas. Ler todo tipo de poemas, a começar, por exemplo, pelo de Castro Alves (1976:85):

Auriverde pendão da minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança
Estandarte que à luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança.

A poesia não escolhe lugar para brotar. Em plena caatinga o cangaceiro apaixonado, vendo o seu amor partir, disparou:

Se eu soubesse que chorando
empato a tua viagem
meus olhos eram dois rios
que não te davam passagem (LAMPLÃO, 1992:63).

É preciso cantar a inocência das crianças e ouvir as narrativas dos mais velhos. Observar o nascer e o pôr do sol, o encantamento do luar de agosto, o chiado da chuva e seu cheiro na terra seca, um estádio lotado na hora do gol, o lado dolente das melodias carnavalescas, a lágrima no olho do peixinho do aquário e o lamurioso canto do pássaro engaiolado.

É preciso respeitar a palavra. A palavra foi feita para ser respeitada, para ser amada. Ela é a matéria prima do poema. Primeiro é preciso amar a palavra, depois armá-la, tratá-la como uma grande dama, respeitá-la maternalmente. Não usar palavras em vão. Procurar primeiro auscultar a respiração que ela tem. Auscultar a pulsação das sílabas, o arfar das letras, o suspiro das vogais, os ruídos das consoantes.

Nada existe fora de um texto. Se é um escritor dialogando com sua solidão, ele pratica travessuras com a linguagem. Brinca de esconder-esconde com os signos. Engorda algumas palavras e emagrece outras. Se é um crítico, vasculha as dobras da escritura, clareando reentrâncias verbais.

No princípio era o verbo, que só sobrevive nos jardins do texto. Tudo é, pois, contexto. A mais isolada ilha não boia. Ela funda um continente que lhe sustenta. Assim como a ilha é vigia do continente, o texto é a festa de seres ausentes que mandaram seus verbos representantes.

Cada palavra representa um ser que não pôde comparecer à festa dos signos. Como não podemos colocar o mundo original ao nosso alcance, transformamos esse mundo em palavras e o trazemos para o nosso abraço. Até à pessoa querida que não podemos reter ao nosso lado, nós lhe damos um nome e ela se instala nos nossos braços.

Quando colocamos as palavras para se darem as mãos, elas dão vida a uma mensagem. Quanto mais se socializarem, mais vida adquirem. A relação entre as palavras é muito parecida com a relação entre as pessoas. Palavras e pessoas imitam-se. Quando pessoas se dão as mãos, outras vidas fundam-se.

A palavra escrita é como a pessoa registrada. Ambas possuem uma identidade, um memorial. Se a pessoa possui seu currículo, a palavra possui sua etimologia. A etimologia é o currículo da palavra. A palavra é o tato da coisa. Nosso contato com o ser começa com a palavra. É possível que nela já pulse o sol que se esconde em cada coisa. É possível que na palavra já se instale essa temperatura que se aninha no interior de cada coisa. É bem verdade que certas coisas se desnudam mais através das palavras que lhes representam. É essa afinidade pala-

vra/coisa que a gente precisa cultivar. Fazer com que o ser nos chegue sem sair de onde está.

O texto saboroso é um alimento, vem com o sabor da terra, com suas vitaminas de barro, de húmus. O texto precisa de sombra, da ideologia dominante. Precisa do tempero dos fantasmas, das ventilações do ar que respiramos. O texto tem que ser esponjoso, pulmonar, para que transite pelos seus poros, o hálito do meu povo. O texto é também como um trampolim, uma catapulta, dele eu fruo, a partir dele eu alço voo, decolo como pássaro epifânico.

Quando Barthes (1991:131) diz que “o escritor é alguém que brinca com o corpo da mãe”, tem como referencial a língua materna. A língua materna traz a mãe em si, a cultura, o lirismo, o afeto. Daí o perigo do texto de tradução. Primeiramente, porque o texto deve ser lido na língua em que foi escrito. Depois, porque o texto literário precisa ser refeito, ao ser traduzido, e nem todo tradutor consegue ser um recriador de linguagem. O mesmo não se pode dizer do texto científico, mais fácil de se adaptar à mudança de código.

Entre os elementos impostos pela cultura, está a frase, com todo o seu arcabouço estrutural elaborado anteriormente ao momento de criação de quem escreve. Os escritores se enclausuram na frase. Somos vassalos da frase. Dependemos dela. Ela admite o prazer, mas inibe a fruição. A frase é um império poderoso, fechado, ou como diz Barthes, (1996:66) a frase “implica sujeições, subordinações, recções internas. Daí o seu acabamento: como poderia uma hierarquia permanecer aberta? A frase é acabada.” Como toda estrutura acabada, a frase é ideológica, alienante, até. O professor é alguém que acaba sua frase, o político também. O escritor é quem tem a coragem de suspender a frase para que o leitor a complete. Só suspendendo a frase consegue-se a fruição.

O homem não resiste à solidão, lê porque está só. Mas antes de ler, o homem precisa escrever. Não há leitura se, antecedendo a ela, não houver uma escrita. Não se pode ter, pois, boa leitura se não houver boa escritura. Ora, se ler é nutrir-se pelo pulmão do texto, é criar

asas, ensinar a ler é ensinar a respirar, é ensinar a voar. Ensinar uma pessoa a ler é dar-lhe asas para o voo que sempre utilizaremos ao longo da vida, para voarmos alto, muito acima da nossa solidão.

Aquele homem que passa na rua
pensa que está sozinho
mas aqueles passos não são seus
como estes versos não são meus

Aquela mulher estirada no varal
pensa que não existe
mas suas mãos naqueles panos
são como as digitais
que deixo nestes versos

Quando me deitar ensapatado
não pensem que me fui
estarei arranhando suas retinas
com estes versos que não são meus
mas que muito mais são seus (LIMA, 2008:20).

Referências Bibliográficas

- ALVES, A. C. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976.
- ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ed. Moderna, 1983.
- BARTHES, R. *L'aventura semiológica*. Torino: Einaudi, 1991.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- LAMPIÃO, V. F. *Acorda Maria Bonita*. In: MACIEL, F. B. *Lampião, seu tempo e seu reinado*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LIMA, B. *O sol de cada coisa*. Fortaleza: Fundação Edson Queiroz / UNIFOR, 2008.